

## HORTA COMUNITÁRIA DA ESCOLA EPA

Nome da coordenadora: Maria Gabriela Curubeto Godoy (Saúde Coletiva)

Nome da vice-coordenadora: Camilla Schneck (Enfermagem)

Nome de Autor: Roberta Carolo (extensionista da Agronomia)

Nome de Autor: Tiago Siebeneichler Henze (extensionista da Biologia)

Nome do Autor: Mariana Espíndola Robin (extensionista da Nutrição)

Nome de Autor: Adriano Pereira de Sousa (estudante da EPA)

O projeto da Horta Comunitária da Escola EPA iniciou-se em março de 2016 e trabalha com pessoas jovens e adultas em situação de rua frequentando o Ensino Fundamental, sendo um desdobramento de ações de extensão anteriores realizadas na escola. A ideia da horta surgiu em conversas com professores da EPA, visando ampliar as atividades do Núcleo de Trabalho e Educação (NTE), que realiza ações de capacitação e geração de trabalho renda através de oficinas de cerâmica e papel artesanal, estando articulado com parcerias da rede de socioeconomia solidária.

Na horta da EPA adotou-se uma abordagem agroecológica alinhada à perspectiva de Bem Viver do Programa de Extensão Teko Porã, que se inspira em relações sintrópicas e *ecofilicas* com a natureza, oriundas de modos de vida ancestrais de populações originárias, associadas a perspectivas críticas latino-americanas no campo da Pedagogia, da Sociologia e da Psicologia da Libertação, visando à redução das desigualdades e à transformação social. Esse alinhamento teórico também está afinado com a proposta pedagógica da escola.

As atividades da horta realizam-se semanalmente através de oficinas com cerca de 3 horas de duração. A participação dos estudantes é voluntária e é aberta ao público interessado da vizinhança. As oficinas foram inicialmente pré-planejadas pelos extensionistas e à medida que se formou um público regular de cerca de 10 pessoas, passaram-se a planejar as atividades conjuntamente. Foram realizadas oficinas de: poda de bananeira; compostagem doméstica; noções básicas de plantas medicinais; construção de pomar doméstico; sementeira de bambu e canteiro espiral. Estão previstas também noções básicas de agroecologia, canteiro em mandala; canteiro elevado com troncos (*hugelkultur*) e oficina de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCS), além de outros temas de interesse dos estudantes.

Em relação aos desafios vivenciados, encontra-se o de adequar um processo formativo às características observadas nos estudantes da EPA, tais como: receptividade, intensidade afetiva, criatividade, impulsividade, intolerância à frustração, dispersão em espaços abertos, e uma relação peculiar com a temporalidade (imediatismo, intensidade pontual e efemeridade). Nessa perspectiva, o formato das oficinas desenvolve-se em 3 momentos: integração inicial com rápida explicação da proposta do dia; atividade prática; fechamento com síntese do que foi feito. No decorrer do processo, os estudantes têm respondido muito bem a projetos com resultados práticos e visíveis a curto e médio prazo. O trabalho com plantio contribui assim, para exercitar dimensões subjetivas que ajudam a lidar com o imediatismo, a efemeridade e a intolerância à frustração ao acompanhar o crescimento gradual e o ciclo de vida e morte das plantas.

O projeto da horta tem possibilitado uma articulação interdisciplinar com estudantes e professoras da UFRGS oriundos de diversos campos, como a Agronomia, a Biologia, a Nutrição, a Enfermagem e a Saúde Coletiva. Diversas parcerias intra e interinstitucionais também têm sido ativadas junto à Agroecologia da UFRGS (Grupo UVAIA e Grupo Viveiros Comunitários), ao DEDS, ao IFRS Restinga, à EMATER, a grupos de vizinhos como os Voluntários da Praça Tamandaré, a Associação Sociedade Amigos do Campeche (de Florianópolis), e a Associação de Hortas Coletivas do Centro Histórico. Especificamente em relação a esta última, que também se situa na região da EPA, a horta têm propiciado a integração entre pessoas em situação de rua e moradores circunvizinhos, alguns dos quais frequentam as oficinas na EPA, abertas ao público interessado além dos estudantes, o que reforça a integração, a construção de outro olhar em relação à população de rua e relações de cooperação e solidariedade.

Entre os desdobramentos futuros está em discussão na EPA a articulação das 3 atividades desenvolvidas pelo NTE: a horta, a cerâmica e o papel artesanal, com apoio da parceria de socioeconomia solidária, através da criação de um viveiro de mudas de plantas medicinais, aromáticas e condimentares comercializadas em vasos de cerâmica e identificadas no papel artesanal, tudo produzido pelos próprios estudantes. Essa experiência poderá proporcionar o aprofundamento e a expansão do processo de inclusão social da população em situação de rua através de projetos de geração de trabalho e renda.

Descritores: Horta comunitária; População de Rua; Promoção da Saúde, Autonomia.